

S. Paulo, 25,7,1906

Rangel:

A Cainçalha vai indo, mas muito sem alma. Reune-se mais por força do habito do que por prazer_ aquele nosso maravilhoso prazer de outrora. Sacrificavamos tudo para estar um com o outro. *Tout passe...* Ricardo é o divino de sempre. Á noite, quando a roda levanta acampamento do Café Guarani e se põe a perambular pelas ruas garoentas, a velha poesia volta. Ricardo diz versos e mais versos_ e como os diz maravilhosamente! Ricardo é a encarnação da Musa. Ricardo é a propria Poesia. Sabe mil sonetos de cór; e se acaso vacila em algum, Raul, a eterna sombra do poeta, vem-lhe em auxilio. Raul é a memoria suplementar do Ricardo.

Vinhamos subindo a rua Quinze. Já passava da meia noite. Tudo deserto e a garoa. Ali pelo Garraux cruzamos com um tilburi parado. Que tilburi triste! Que cavalo triste, de cabeça caída, a dormir de pé! Ricardo vinha derramando versos de ouro. Entreparou em frente do cavalo triste. Adiantou-se para ele num impeto. Abraçou-lhe o focinho e beijou-o, como talvez nunca haja beijado uma mulher...

Outra noite foi o comico. Tambem já bem tarde iam descendo a rua Direita, rumo ao Viaduto, quando aparece o Sebastião Sampaio e adere. E como viu que o Ricardo recitava, mete a mão no bolso e diz, sacando o papel: “Eu tambem tenho aqui uns versos que vou ler...” Ninguém pronunciou uma palavra. Não houve comentario nem combinação nenhuma. No maior *una voce* mudo que jamais vi, todos nos pusemos a correr e só paramos para lá do Viaduto, no começo da rua Itapetininga. Só então nos voltamos. A garoa leve dava para distinguir o vulto do Sampaio no principio do Viaduto, com uma coisa branca na mão. Ninguém comentou. Reiniciamos a nossa perambulação, com o Ricardo a dizer aquilo de Nobre:

*Porque eu já fui um poderoso conde,
Naquela idade em que se é conde assim...*

O Nogueira reapareceu, de olho cada vez mais astral, metido num fraque evidentemente silvestrino, com uma novidade literaria no sovaco e frases na boca. Frases provocativas. A roda anda ultimamente muito utilitaria, cada qual com o seu negocio e sempre a discutir os *affaires*, como diz o Raul. Mas quando o Nogueira surge é um refrigerio. Os neo-negociantes abrem treguas aos *affaires* (e devo te dizer que nenhum acredita nos negocios do outro. Meras atitudes). Nogueira pára, abana o rabo do fraque e ataca qualquer coisa_ e lá vem a guerra. Nogueira nasceu errado. O lugar dele era no concilio de Niceia, discutindo um ponto da Transubstanciação.

Diz Ricardo que te tem respondido ás cartas_ o que é fenomeno. Dei-lhe a noticia do “Aguas e Arvoredos”, que

ambos esperamos ansiosos. Ando também ansioso por coisa assim_ por uns meses na roça, para de lá debatermos umas tantas ideias novas. Uma delas: explorar literariamente o Beccari. Criar com ele um tremebundo tipo de romance. Se não estivesse morto o Daudet, podíamos mandar-lhe notas sobre o Beccari_ para que ele o enxertasse no *Jack*, aquele ninho de genio *ratés*.

Leio afinal o ultimo romance do Anatole_ *Les Dieux ont Soif*. Excelentissimo... A *Catedral* de Blasco Ibanez que sei por que não me atrai. Creio que nunca lerei esse livro.

LOBATO

P.S._ Como esta demorou, vai com apendice. O Cenaculo tenta salvar-se com as mesmas historias contadas e recontadas todas as noites_ e é um rir sem conta e sem gosto... Como ha o reler livros, ha o recontar historias. O curioso é que, como todos as sabem de cór, quando quem conta omite algum pedacinho é logo advertido. E ha as sugestões: “Conte, Raul, aquela do Reichert” e Raul conta e ha risos requentados. “Agora a da ponta do cigarro”, e Raul conta e soam as mesmas risadas da vespera.

Outra mania é ir ao circo de cavallinhos ver as celebres pantomimas “Guerra de Canudos” e “Guarani”_ ver e apreciar imensamente, e berrar de entusiasmo quando aparece o Cabo Roque, ou o Macambira, ou o “imorredouro” Carlos Gomes. Faz de Ceci uma mulata gorda e quarentona. Perí, por causa da voz, tem que ser italiano, de modo que fica um indio macarronico. Na “Guerra de Canudos” os soldados do governo aparecem metidos em fardas da guarda civica e apanham bordoadas velhas. O circo vem abaixo quando o jagunço destroça o governo. Lino compenetra-se e comove-se; chega a chorar quando Ceci e Peri somem no horizonte, montados na palmeira.

Tito continua mais rabelésiano do que nunca. Ontem na Ponte Grande devorou tres queijos de Minas, bebeu seis garrafas de cerveja União e comeu nos matos visinhos quatro jaboticabas.

Grande sucesso o teu *Sebastião* nas altas rodas literarias de São Paulo (Cenaculo e mesas adjacentes). Todos aguardam ansiosos o resto. A razão verdadeira do meu eterno adiamento da visita a você ai é o medo. Medo de tua mulher, Rangel! Ponha-se no meu caso e compreenda.

LOBATO